



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS II – LAGOA SECA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM AGROECOLOGIA

**TRABALHO COLETIVO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA: UM
ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO JOSÉ ANTONIO EUFROUZINO,
MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

JANIO DE ARAUJO OLIVEIRA

Campina Grande – PB

2016

JANIO DE ARAUJO OLIVEIRA

**TRABALHO COLETIVO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA: UM
ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO JOSÉ ANTONIO EUFROUZINO,
MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

Monografia apresentada à Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Agroecologia. Área de Concentração: Agroecologia e Extensão Rural (Ater/Ates) para assentamento da reforma Agrária do Estado da Paraíba.

Orientador:

Prof. Dr. Fernando Garcia de Oliveira

Campina Grande – PB

2016

Ficha Catalográfica

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48t Oliveira, Janio de Araujo

Trabalho coletivo em assentamentos de reforma agrária:
[manuscrito] : um estudo de caso no assentamento José Antonio
Eufrouzino, município de Campina Grande-PB / Janio de Araujo
Oliveira. - 2016.
41 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Agroecologia) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais,
2016.

"Orientação: Prof. Dr. Fernando Garcia de Oliveira,
Coordenação do projeto Universidades Cidadãs- UFCG".

1. Reforma agrária. 2. Assentamentos rurais. 3.
Organização produtiva. 4. Trabalho coletivo. I. Título.

21. ed. CDD 333.31

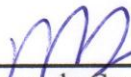
JANIO DE ARAUJO OLIVEIRA

**TRABALHO COLETIVO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA:
UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO JOSÉ ANTONIO
EUFROUZINO, MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB**

Monografia apresentada à Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Estadual da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Agroecologia. Área de Concentração: Agroecologia e Extensão Rural (Ater/Ates) para assentamento da reforma Agrária do Estado da Paraíba.

Aprovado em: 29/02/2016.

BANCA EXAMINADORA



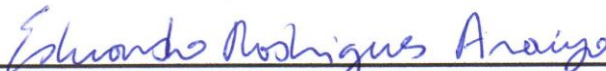
Prof. Dr. Fernando Garcia de Oliveira (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. Rodrigo Machado Moreira (Membro)

Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Eduardo Rodrigues Araújo (Membro)

MST

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que me proporcionou todas as coisas. A minha esposa Jerusa Alves da Silva Oliveira, que sempre esteve comigo, a meus filhos Jonas e Joel.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus pela permissão de tudo, aos assentados do Coletivo Unidos no Campo, ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Garcia (UFCG), a Universidade Estadual da Paraíba, a minha irmã Jaqueline de Araújo Oliveira Machado, e a meu amigo Elenildo Santos Bezerra. Todos eles me ajudaram na elaboração deste trabalho.

EPIGRAFE

"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida." (Provérbios 4 : 23)

RESUMO

O desenvolvimento dos assentamentos de reforma agrária depende de diversos fatores, sendo a organização produtiva um dos mais importantes. Sabe-se que um dos aspectos mais importantes da organização para a produção é se utiliza exclusivamente o trabalho familiar ou se também contempla formas de trabalho coletivo. Esta última é algo pouco comum nos dias atuais. Não obstante, este estudo de caso busca pesquisar as potencialidades do trabalho coletivo de um grupo de famílias denominado “Unidos no Campo”, existente no assentamento José Antonio Eufrouzino, localizado em Campina Grande – PB. A existência de atividades agropecuárias de maneira coletiva motivou esta investigação com o intuito de observar os impactos dessa forma de organização do trabalho. A estratégia de investigação procurou resgatar o histórico do grupo, fazer a análise do processo de planejamento para produzir, além de averiguar os resultados da produção coletiva, comparando-a com o que obtém com o modelo individual. De fato, o trabalho de campo durou dois anos. Durante este tempo, foram observados vários aspectos de sua forma de viver e trabalhar, sempre numa constante interação com diferentes membros das famílias, assim como com sua instância coletiva que hoje está formalizada na “Associação Coletivo Unidos no Campo” (CUC). Dentre as ferramentas de investigação utilizadas se podem destacar as seguintes: visitas individuais às famílias, participação em reuniões do grupo, articulação de visitas de intercâmbio. Além disso, também foram aplicados dois questionários visando conhecer melhor tanto a forma individual quanto a forma coletiva de produzir. A quantificação da produção foi realizada, em conjunto com o grupo, em suas áreas de produção fazendo mapeamentos das áreas de cultivo, bem como o registro das culturas e dos resultados da produção. Concluímos que o trabalho coletivo possibilitou o aumento da capacidade produtiva, ampliando sua resiliência e, portanto, favorecendo a convivência com o clima semiárido uma vez que o grupo enfrenta melhor as adversidades climáticas. Além disso foi possível constatar que contribuiu na organização social e na política interna do assentamento. Demonstrou-se assim que o trabalho coletivo é uma estratégia que apresenta viabilidade econômica, social e ambiental nos espaços de reforma agrária.

Palavras chave: Reforma agrária. Assentamentos rurais. Organização produtiva. Trabalho coletivo.

ABSTRACT

The development of agrarian reform settlements depends on several factors, like the productive organization of the most important. It's known that one of the most important aspects of the organization for production is exclusively uses the family work or whether it also includes forms of collective work. The latter is something unusual today. Nevertheless, this case study seeks to investigate the potential of the collective work of a family group called "United in the Field", existing in the settlement Jose Antonio Eufrouzino, located in Campina Grande - PB. The existence of agricultural activities collectively motivated this research in order to observe the impacts of this form of work organization. The research strategy sought to rescue the history of the group, do the analysis of the planning process to produce and to verify the results of collective production, comparing it to what you get with the individual model. In fact, the field work lasted two years. During this time, we observed various aspects of their way of living and working, always in a constant interaction with different family members, as well as their collective body which is now formalized in the "United Association in the collective field." Among the research tools used can be highlighted as follows: individual visits to families, participation in group meetings, joint exchange visits. In addition, two questionnaires were also applied in order to know better both individually as collectively to produce. The quantification of production was carried out, together with the group, in their areas of production making maps of the areas of cultivation, as well as the record of crops and production results. We conclude that the collective work made it possible to increase production capacity, increasing its resiliency and thus favoring coexistence with the semiarid climate since the group better face climate adversities. In addition it was found that contributed to the social organization and the internal politics of the settlement. It has been shown how the collective work is a strategy that has economic, social and environmental viability in land reform areas.

Keywords: Land reform. Rural settlements. Productive organization. Collective work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba	18
Figura 2 - Animais destinados a produção leiteira	20
Figura 3 - Utilização de tração animal.....	21
Figura 4 - Banco de Sementes Comunitário Jaqueline de Araújo Oliveira Machado.....	23
Figura 5 - Reunião na Casa sede do PA	24
Figura 6 - Organização Espacial do Lote 17 em 2014	29
Figura 7 - Organização Espacial do Lote 06 em 2014	30
Figura 8 - Organização Espacial do Lote 18 em 2014	31
Figura 9 - Organização Espacial do Lote 33 em 2014	32
Figura 10 - Organização Espacial do Lote 26 em 2014	33
Figura 11 - Casa sede do Coletivo Unidos no Campo recuperada	35
Figura 12 - 1º Silo produzido em 2014.....	36
Figura 13 - Ensiladeira processando a produção	37
Figura 14 - Área de cultivo do Coletivo Unidos no Campo em 2014.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação de Integrantes do Coletivo Unidos no Campo em 2014.....	23
Quadro 2 - Resultados obtidos com o trabalho coletivo no ano de 2013.....	34
Quadro 3 - Áreas de Cultivo - 2014	36
Quadro 4 - Silos e Colheita 2014.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA:.....	14
2.1 Fundamentação teórica.....	14
2.2 Caminho metodológico.....	17
3 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO ESTUDADA.....	18
3.1 Caracterização do Assentamento José Antonio Eufrouzino	18
3.2 Caracterização do grupo	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1 Caracterização das unidades familiares	28
4.2 Resultados do trabalho coletivo	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
Referências Bibliográficas.....	41
ANEXOS	0

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dos assentamentos é o resultado de muitas variáveis, econômicas, ambientais, sociais, político-institucionais e a organização produtiva. A vivência através da prestação de serviços de Assessoria Técnica Social e Ambiental - ATES nos últimos quatro anos, aguçou nosso olhar sobre estes fatores. Sendo fortalecida a nossa inquietude no Curso de Residência Agrária em Agroecologia, onde aprofundamos discussões e observações acerca dos aspectos que influenciam o desenvolvimento dos assentamentos, de tal forma que resultou no processo de investigação do presente trabalho. Dentre os assentamentos da Paraíba, encontramos um grupo de agricultores e agricultoras que adotaram uma prática de trabalho com foco na produção coletiva de forma diferenciada da maioria dos assentamentos. Alguns assentados do Projeto de Assentamento (PA) José Antonio Eufrouzino em Campina Grande formaram o Coletivo Unidos no Campo, inicialmente um grupo de trabalho informal que em seguida se institucionaliza, sujeito da nossa investigação.

O sucesso obtido no primeiro ano (2013) de desenvolvimento deste trabalho coletivo chamou a atenção, nos levando a observar e quantificar a produtividade do grupo, atentando para os incrementos gerados por esse modelo. A organização e realização do trabalho coletivo é o cerne deste trabalho.

Este Coletivo de trabalho é desenvolvido na área conhecida como Monte Alegre no PA José Antonio Eufrouzino (na porção norte), a cerca de 20 km a oeste da sede do Município de Campina Grande, no Agreste Paraibano. Esta proposta surgiu do empenho de um grupo, de inicialmente 9 pessoas, que decidiram trabalhar coletivamente, se disponibilizando a uma forma de organização que permitiu e potencializou os serviços da equipe de Assessoria Técnica Social e Ambiental – ATES, assessorando ações de melhorias para o grupo que é intitulado “Unidos no Campo”.

Além da produção agropecuária, outros aspectos relacionados a coletividade serão destacados, entre eles, a recuperação de uma das casas sede do assentamento, a construção de um memorial do assentamento, onde são expostas relíquias das antigas casas camponesas, resgatando a cultura e a história do campesinato da região, servindo também como ponto de apoio para visitantes e de uma biblioteca de uso coletivo da comunidade.

Entre os muitos elementos observados e estudados pela agroecologia existem aqueles que estão ligados as relações de produção. O grupo estudado possui uma característica especial nessas relações – a coletividade nas perdas e ganhos no serviço agropecuário entre as famílias envolvidas. Dessa forma, o modo de organização estabelecido para realizar o trabalho constitui um fator de potencial interferência no processo.

Nesse sentido, para o desenvolvimento deste estudo algumas questões foram avaliadas, tais como: **Como ocorre a organização nesse grupo de trabalho? Quais as contribuições desse modelo de trabalho para o sustento das famílias envolvidas? O que motiva a realização desse trabalho nesse formato?** A princípio seria em razão da pouca mão de obra familiar, do apoio realizado pela equipe de assessoria técnica, do custo elevado para contratação de mão de obra ou do tamanho dos lotes ser inferior ao necessário.

O desenvolvimento de atividades de caráter coletivo em todo o seu processo constitui um fenômeno incomum para os dias atuais. Os resultados apontados pelo grupo chamam a atenção para a busca dos reais motivos de tal agremiação. A avaliação deste modelo poderá ajudar outros grupos de agricultores a adotarem sistema semelhante. Este estudo deve fortalecer o entendimento de fenômenos similares em outras comunidades e poder contribuir junto aos planos de organização de algumas entidades comunitárias e de assessoria.

Este estudo de caso busca estudar as potencialidades do trabalho coletivo no assentamento José Antonio Eufrouzino, por meio da descrição do histórico do grupo, da análise do processo de planejamento para produção e da apresentação dos resultados da produção coletiva.

2 METODOLOGIA:

2.1 Fundamentação teórica

A realidade agrária brasileira é marcada por conflitos históricos desde o período colonial. No século XX, as Ligas Camponesas e os movimentos de lutas pela Reforma Agrária motivaram a realização forçada de políticas de assentamento para o campo visando redistribuição de algumas áreas de terras.

Mattei (2012) afirma que a reforma agrária significa uma mudança radical da estrutura agrária de um país, democratizando o acesso à terra. Mattei (2012, p.308) afirma que:

Ações de políticas públicas com o objetivo apenas de promover um simples reordenamento da estrutura fundiária restringem o caráter democrático da reforma agrária, condicionando-a a um simples instrumento de reorganização da base territorial agrária para acomodar possíveis tensões sociais oriundas dos setores que se encontram em conflito pela posse da terra.

Ainda de acordo com Mattei (2012), suas observações indicam que a implantação de assentamentos, tal qual ocorre no Brasil não deve ser confundida com um programa de reforma agrária, na verdade tem apenas a função de mitigar conflitos no campo.

Um programa de Reforma Agrária deveria ter um objetivo mais amplo que a mudança fundiária, sendo o desenvolvimento no campo o objetivo maior da sua realização. Para David, Waniez e Brustlein (1997) essas formas de acesso à terra são mais utilizadas para atender às pressões sociais e políticas, frequentemente solicitadas, do que visando obter um desenvolvimento rural permanente. Para que a reforma agrária tivesse maior êxito seria necessário que a política agrária fosse muito mais criativa e efetiva (DAVID; WANIEZ; BRUSTLEIN, 1997).

Inicialmente, a motivação para alcançar os benefícios da reforma agrária faz com que os trabalhadores se organizem com aquele intuito. Outro aspecto é que ao se organizarem, eles experimentam a sensação de pertencimento ao grupo, mobilizando todos os membros; a elaboração e organização de comissões e trabalhos em mutirão; e o envolvimento das mulheres, dos jovens e crianças na organização (MACHADO, 2015).

Em complemento, Machado (2015) aponta que o grupo geralmente se une para alcançar uma meta comum: o acesso à terra. Entretanto, quando aquele objetivo é alcançado, pode cessar a atuação em grupo, sendo assim, a falência do projeto coletivo.

Nem sempre um assentamento se torna uma comunidade, nos termos da acepção apresentada a seguir.

Hoje, o conceito refere-se a um grupo de pessoas que compartilham algo em comum, como uma história comum, um objetivo comum, uma determinada área geográfica ou práticas comuns, como as comunidades quilombolas, as comunidades virtuais e as comunidades escolares.¹

Contrariamente a este entendimento, na maior parte das vezes, o assentamento compreende apenas um grupo de famílias que passou a ocupar um novo espaço, não conseguindo construir relações comunitárias ou coletivas nos seus diversos significados. O caso do CUC mostra que menos de 10% das famílias (de um total de 101) conseguiram

¹ Conceito extraído do Texto “Comunidade”, disponível em <http://educacaointegral.org.br/glossario/comunidade>

romper com essa realidade confirmando. Assim também corrobora Machado (2015, p.22) ao afirmar que:

Um comportamento comunitário emerge de processos interativos que geram uma nova compreensão e um novo compromisso coletivos. Isso só é possível se as famílias assentadas se emocionam, se apaixonam e se comprometem com algo que tem sentido para todas elas, como um Projeto de Vida Comunitário.

Este fenômeno também corresponde a um dos pressupostos para a transição agroecológica, pois considera as relações de cooperação em grupos comunitários. Para Caporal e Costabeber (2004) a agroecologia deveria ocorrer por meio de ações sociais coletivas de caráter participativo, com enfoque holístico e de estratégia sistêmica, pois o processo de transição agroecológica adquire considerável complexidade, tanto tecnológica como metodológica e organizacional.

Com a introdução nas relações sociais de produção de uma forma de organização mais próxima dos valores coletivos, há a possibilidade de se construir novos espaços comunitários, onde a igualdade social e o respeito às diferenças prevalece (GROFF; MAHEIRIE; PRIM, 2009). Assim, os sujeitos e suas necessidades singulares e coletivas se relacionam de forma dialética, produzindo objetividades/subjetividades (GROFF; MAHEIRIE; PRIM, 2009).

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação - FAO em 1999 – o INCRA/FAO (1999) descreve os 11 principais fatores que afetam o desenvolvimento dos assentamentos de Reforma agrária no Brasil, são eles:

- 1 - O quadro natural;
- 2 - O assentado, suas origens e forma de ocupação;
- 3 - O contexto socioeconômico do entorno do assentamento;
- 4 - A infraestrutura básica e os serviços sociais;
- 5 - Os sistemas de produção agropecuária e a infraestrutura produtiva;
- 6 - A organização e as estruturas produtivas;
- 7 - O crédito rural;
- 8 - A assistência técnica;
- 9 - A organização política e as relações institucionais;
- 10 - A renda agrícola e monetária; e
- 11 - A diferenciação interna entre os assentados.

Dos fatores apontados anteriormente, são destacados os relacionados ao objetivo da pesquisa: **i.** Organização coletiva e as estruturas produtivas; **ii.** O assentado, suas origens e forma de ocupação e **iii.** A assistência técnica. O estudo do INCRA/FAO (1999) aponta que a

organização produtiva dos assentados diferencia o grau de desenvolvimento dos assentamentos. De acordo com o citado autor, a experiência anterior dos agricultores influencia no desenvolvimento dos diversos sistemas produtivos e que a assessoria técnica é mais intensa nos assentamentos com maior desenvolvimento.

2.2 Caminho metodológico

Neste estudo de caso também foi utilizada a observação participante². Esta presume o compartilhamento de experiências alcançadas pelo convívio entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto dinâmico de relações no qual os sujeitos vivem. Esta técnica consiste em estar e observar aonde a ação acontece.

A pesquisa consistiu no acompanhamento do grupo de trabalho, realizado em três períodos de convívio denominado Tempo Comunidade. Aqueles períodos contemplaram os ciclos produtivos dos anos de 2013 (primeiro ano do CUC) a 2014, quando foram realizadas atividades diversas: reuniões com grupo de interesse; com assessores; levantamento de dados; monitoramento das atividades de produção agrícola individual e coletiva; o acompanhamento de estágio dos alunos da graduação em Agroecologia da UEPB; além de realizar visitas individuais as famílias. Houve um grande envolvimento com o grupo de assentados durante todo o trabalho de campo. Esta situação foi muito facilitada pelo fato de já haver uma relação de confiança fruto do tempo de trabalho anterior nas atividades de assessoria técnica.

Este acompanhamento tornou possível verificar os aspectos coletivos e individuais de cada família integrante do grupo de trabalho. Além da *observação participante*, também foram utilizados dois questionários para coleta de informações essenciais das dimensões individuais e coletivas. O primeiro (anexo I) conta com 34 questões que tratam dos seguintes temas: (1) Identificação da família; (2) trajetória pessoal de trabalho; (3) participação na luta pela terra e (4) aspectos produtivos individuais. Sua aplicação ocorreu com cada um dos sete integrantes, apesar destes compuseram apenas cinco unidades de produção familiar. O segundo (anexo II) foi respondido em reunião com os membros e concentra questões relacionadas a: (1) atividades produtivas; (2) formação do grupo (3) organização para produção. Nas visitas foram diagnosticados os meios de produção existentes, sua produtividade e organização para produção.

Os dados individuais levantados neste estudo revelaram como se organiza a unidade de produção familiar. Foram recolhidas informações sobre: identificação; origem; trajetória

² Conceito extraído do Texto “Observação Participante”, disponível em <http://www.ims.uerj.br/pesquisa/ccaps/?p=438>

peçoal de trabalho; envolvimento na luta pela terra e atividades produtivas individuais. Dessa forma, após a aplicação do questionário com cada integrante do coletivo, as respostas foram tabuladas, analisadas e comentadas.

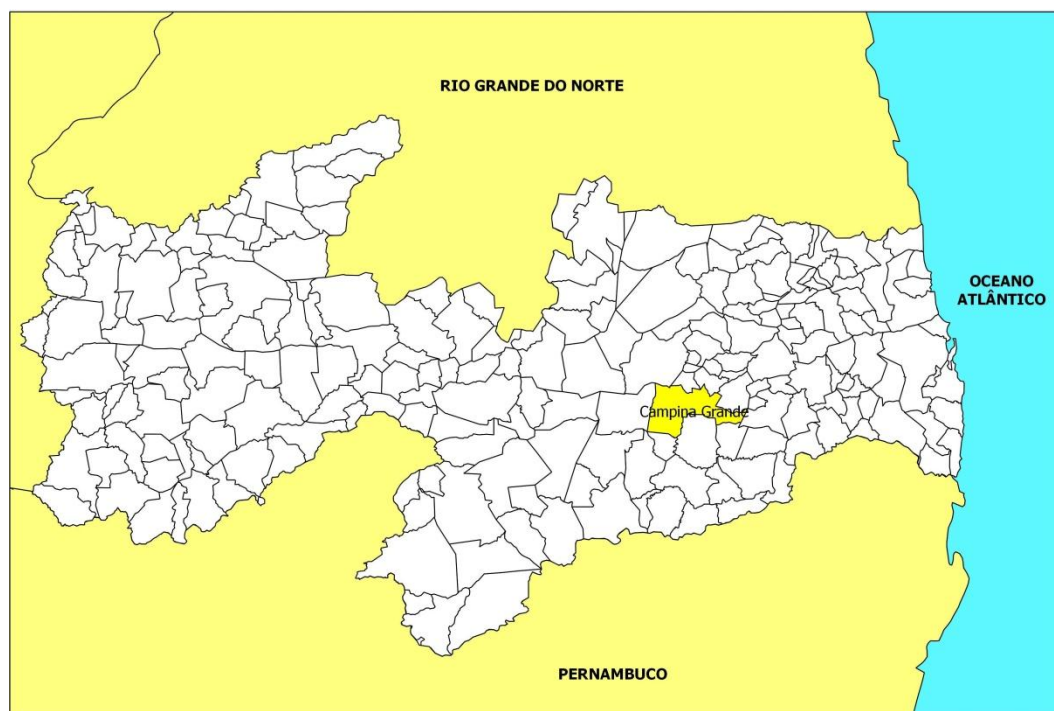
No caso deste trabalho, os dados cartográficos (Planta do assentamento José Antonio Eufrouzino, Município de Campina Grande- PB) utilizados foram oriundos do INCRA-PB originalmente no formato dxf e processados no software Qgis. Durante as visitas foram mapeados os roçados individuais e coletivos utilizando GPS Garmin 76 CSX. As questões de caráter coletivo foram coletadas em reunião com os membros do grupo também utilizando questionário específico (anexo II). Com este levantamento foi possível calcular a produtividade do grupo e a produção realizada em 2013 e 2014.

3 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO ESTUDADA

3.1 Caracterização do Assentamento José Antonio Eufrouzino

O Projeto de Assentamento José Antônio Eufrouzino é composto de uma área que conta com 3.144 ha e está situado as margens da estrada que liga a cidade de Campina Grande (figura 1) ao município de Boa Vista e se estende por 12 Km ao norte até o Distrito de São José da Mata, distando 18 Km da zona urbana do município.

Figura 1- Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba



Fonte: Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba, 2015 (Adaptado)

Sendo asfaltado todo o percurso até o distrito de Catolé de Boa Vista, seu acesso pode ser feito por várias vias vicinais, sendo acessível durante todo o ano. Tendo opção pela PB-138, pela BR- 230, km-178 tendo uma entrada também pelo Distrito de São José da Mata, os assentados e as assentadas para melhor se localizarem dentro da área do assentamento denominam 4 áreas e 4 grupos de famílias, são os seguintes: Grupo de Famílias número 1 está situado a margem da rodovia PB-138, no 19 km que liga Campina Grande a Boa Vista e faz parte do Distrito de Catolé de Boa Vista; o Grupo de famílias 2 está situado na parte interna a partir da margem do Rio Logradouro que corta o Assentamento até a parte central a margem da reserva legal denomina-se Bom Fim; o Grupo de Famílias número 3 está localizado após a citada reserva até a margem da estrada do Monte Alegre já no Distrito de São José da Mata e denomina-se Castelo, e; o Grupo 4 de famílias, também neste último distrito, situa-se do outro lado da margem da estrada de Monte Alegre e denomina-se também de Monte Alegre.

No assentamento estão assentadas 101 famílias, mais 5 famílias agregadas. Está localizado no perímetro da região semiárida tendo como vegetação predominante a caatinga e suas peculiaridades. As estruturas da antiga fazenda, como currais, bretes e silos existem e estão em situação precária, há 32 pequenos açudes sendo 5 necessitando de recuperação e um açude de maior porte. Este Projeto de Assentamento conta com 3 casas sedes que servem para os assentados e assentadas se reunirem nas diversas atividades do mesmo. As residências estão dispostas nos seus respectivos lotes.

Este Projeto de Assentamento teve sua posse emitida em dezembro do ano de 2001 e a associação foi fundada no ano seguinte, desde o início teve a assessoria do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, da Federação dos Trabalhadores da Agricultura - FETAG e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campina Grande. Nos primeiros anos a associação teve apenas um pequeno grupo de pessoas conduzindo e se reservando nos cargos da diretoria, situação alterada recentemente no ano de 2015.

A organização social é realizada através da Associação Bom Jesus, do Assentamento José Antônio Eufrouzino, composta por homens e mulheres assentadas da reforma agrária neste e o Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida, onde participam as mulheres assentadas e áreas vizinhas. No âmbito do assentamento, existe ainda o Coletivo “Unidos no Campo”, que se tornou uma instituição de representação associativa dos Grupos III e IV (Monte Alegre e Castelo) e dois grupos de trabalho denominados de Grupo “Maria da Mercês da Silva” e o grupo “Renascer”.

As relações de produção acontecem no assentamento de forma individual e coletiva, onde homens e mulheres participam ativamente das atividades de produção. Geralmente a

produção individual está baseada em sua maior parte pelo trabalho dos homens, visto que, as mulheres além de trabalharem no roçado, ainda cuidam da casa, dos filhos e do ao redor de casa, tendo papel de destaque no processo produtivo da Unidade Familiar.

Os jovens, em sua grande maioria, ou se dedicam somente aos estudos ou trabalham em fábricas ou no comércio da cidade de Campina Grande. A quantidade de idosos no assentamento é significativa, e seus respectivos benefícios de aposentadorias são importantes para as famílias.

O assentamento José Antônio Eufrouzino, situa-se no agreste, porém com características de cariri, onde os períodos de estiagem são prolongados e as chuvas muitas vezes são escassas. As atividades são baseadas na agropecuária.

Na produção pecuária, tanto mulheres quanto homens praticam a bovinocultura com potencial leiteiro (figura 2), porém esta realidade vem sendo reduzida com o decorrer do tempo e têm se adotado a criação de animais de pequeno e médio porte, a citar: a criação de aves, caprinos, ovinos e suínos. Os animais geralmente são adaptados à região e comprados dentro do próprio assentamento.

Figura 2 - Animais destinados a produção leiteira



Fonte: Relatório COONAP 2014.

Na produção Agrícola se destacam as culturas sazonais como feijão, milho, fava, jerimum, batata, melancia e plantas forrageiras como palma, sorgo e capim. Os assentados se empenham na produção de silos para armazenamento de forragem para os animais a fim de garantir a segurança alimentar dos rebanhos nos períodos de longa estiagem.

As famílias assentadas utilizam para o plantio sementes crioulas, para tanto, além dos bancos de sementes familiares, contam com um banco de sementes comunitário, desta forma ampliam a autonomia das famílias e aumentam o potencial produtivo das mesmas.

A agricultura praticada é basicamente de subsistência, como milho, feijão, fava, jerimum, batata doce e as forrageiras como a palma que está presente na maioria dos lotes, pois compõe a base alimentar da criação de bovinos de leite, nos períodos de estiagem.

A forma de produção em sua grande parte é feita de forma individual, porém destacam-se dois grupos de produção agrícola e um grupo de produção de telas (atividade não agrícola).

O preparo da terra é feito, em sua maioria, de maneira rústica, em que utilizam animais de tração (figura 3). Alguns assentados utilizam o trator da comunidade ou maquinário disponibilizado pela Secretaria Municipal de Agricultura de Campina Grande, a qual tem sido presente (com ressalvas) no assentamento.

Figura 3 - Utilização de tração animal



Fonte: Relatório COONAP 2014.

No tocante à produção agrícola, este projeto de assentamento tem um grande potencial, porém a falta de estrutura de captação e armazenamento hídrico tem o limitado bastante durante os períodos de estiagem prolongados, a exemplo do período da pesquisa. De acordo com a AESA³ (Agência Executiva de Gestão das águas do Estado da Paraíba), a média anual de chuvas em Campina Grande é de 758,7mm. Em 2013 e 2014 foi registrado no posto

³ Dados de pluviometria extraídos do site da AESA, disponível em <http://site2.aesa.pb.gov.br/aesa/monitoramentoPluviometria.do?metodo=listarAnosChuvasAnuais>

monitorado (São José da Mata) a 7 km da área pesquisada, os valores de 571,9 e 579,5 mm, respectivamente.

A criação dos pequenos e médios animais tem se apresentado como uma prática mais vantajosa, visto que estes animais consomem menos água. A geração de renda ainda é um elemento desafiador, obrigando muitas famílias a realizarem atividades paralelas ou necessitar de Programas de Transferência de Renda, a exemplo do Programa Bolsa Família.

3.2 Caracterização do grupo

Antes de germinar a semente da coletividade neste grupo, foram lançadas muitas sementes por parceiros que regaram bastante, dentre os quais, o serviço de ATES existente no assentamento desde 2009 através da Cooperativa de Trabalho Múltiplo e Apoio às Organizações de Autopromoção - COONAP, que foi um desses parceiros que favoreceu neste período, a realização de inúmeras atividades individuais, coletivas e formação de parcerias. As temáticas abordadas foram diversificadas, porém relacionadas quase sempre a agroecologia, economia solidária e trabalho coletivo. Nesta linha de ação, os bancos de sementes comunitários (BSC) foram incentivados como forma de guardar o patrimônio genético, reduzir à dependência externa no período de plantio e potencializar a agricultura familiar com sementes adaptadas a região e historicamente ligadas as famílias agricultoras. Muitas atividades formativas foram realizadas sobre as questões organizacionais do assentamento, como associativismo e cooperativismo.

Posteriormente, nove famílias motivadas pelos processos formativos e mobilizadas pela necessidade de organização e qualificação da produção, constituíram um grupo de trabalho coletivo em março de 2013. Apesar da escassez de chuvas, decidiram trabalhar em regime de mutirão e atualmente já colhem os resultados satisfatórios com a produção de grãos e também de forragem animal (silagem).

A contribuição do acompanhamento ao grupo pela ATES foi importante para a consolidação desta ideia de coletividade, fazendo com que o Banco de Sementes (figura 4) deste grupo recebesse o nome da ex-técnica social da COONAP – Jaqueline de Araújo Oliveira Machado, a qual o grupo atribui boa parte do sucesso alcançado, sendo assim a forma que encontraram para homenagear o trabalho de formação realizado.

Figura 4 - Banco de Sementes Comunitário Jaqueline de Araújo Oliveira Machado



Fonte: Foto Produção do Próprio Autor, 2015.

Os fundadores do grupo foram: Absalão Montenegro, Marcos Eloi, Jaqueline Galdino, Maria das Graças Januário, Maria do Socorro Moraes da Silva (Dona Preta), Anselmo, Ednaldo Figueiredo (Naldo), Francisco Jorge Chaves (Chiquinho) e Raimundo.

O Coletivo “Unidos no Campo” – CUC é um grupo de trabalho coletivo existente no Assentamento José Antonio Eufrouzino (na parte do Monte Alegre) no município de Campina Grande. Este grupo conta no ano de 2014 com 7 integrantes diretos (observar quadro 1)

Quadro 1 - Relação de Integrantes do Coletivo Unidos no Campo em 2014

Assentado	Lote
Absalão Francisco Montenegro	33
Marcos Eloi de Souza Barbosa	6
Jaqueline Galdino	33
Raimundo Silva de Souza	17
Laerte Araujo Constantino	26
José Anselmo Bezerra	18
Mary Terezinha Nunes do Nascimento	18

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Em 2014 eles formalizaram o grupo como instituição sob o CNPJ número 20.085.459/0001-42. O objetivo principal dele é desenvolver o grupo de famílias participantes através de atividades agropecuárias e outras atividades de interesse coletivo.

Este coletivo trabalha quase todos os dias, se reunindo para planejar as tarefas do grupo quinzenalmente. O processo de tomada de decisão é feito em conjunto sempre na casa sede do PA. Juntos eles definem as áreas de cultivo, quais sementes utilizar, equipes de trabalho, dias de serviço, divisão de lucros e despesas, formas de utilização da produção. (figura 5).

Figura 5 - Reunião na Casa sede do PA



Fonte: Foto Produção do Próprio Autor, 2015.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Introdução. Apresentamos inicialmente informações sobre as características de cada assentado quanto a **identificação das famílias, trajetória pessoal de trabalho e participação na luta pela terra.**

A identificação das famílias interessa a este estudo porque considera fatores relacionados com a estrutura familiar, faixa etária e indivíduos participantes do processo produtivo. Entre os elementos abordados pela entrevista individual está a idade. No caso dos 7 integrantes do grupo em 2014, a faixa etária era composta por pessoas com idade mínima de 36 e máxima de 70 anos envolvendo 2 idosos (64 e 70 anos). São 5 homens e 2 mulheres (estas participam do coletivo com seus parceiros), constituindo 5 núcleos familiares. Com relação ao estado civil todos tem cônjuge, mas apenas 3 são casados legalmente (tem certidão de casamento).

Quanto ao local de nascimento, 3 dos 7 membros nasceram em áreas vizinhas do assentamento (sendo a maioria do entorno do município) e apenas 1 nasceu fora do Estado (em Pernambuco). Os tamanhos dos grupos domésticos são da seguinte forma: 2 famílias com 5 membros cada, 1 com 7 membros, 1 com 6 membros e 1 com 2 membros, totalizando um universo de 25 pessoas que participam indiretamente dos resultados alcançados pelo grupo. Deste universo há 11 pessoas adultas participando dos processos de produção (4 famílias têm 2 cada e 1 família tem 3). Apenas 2 famílias têm adolescentes (5) trabalhando na atividade agrícola.

A maioria dos integrantes (5) mora neste PA há mais de 8 anos e apenas 2 moram há somente 2 anos. Antes de vir morar no PA 5 deles já trabalhavam na agricultura, em terra emprestada ou eram rendeiros fora do local onde moravam. Somente 2 desenvolviam outras atividades (motorista e comerciário). Contudo, 4 dos 7 integrantes já trabalharam fora da agricultura e desenvolveram atividades ligadas a construção civil (1 caso), comércio (2 casos) e indústria (1 caso). Destes agricultores apenas 2 trabalharam fora do Estado (SP e SE) tendo desenvolvido atividades não agrícolas. Para o INCRA/FAO (1999), as condições de vida anteriores ao assentamento como local de moradia (rural ou urbano) e experiências de trabalho anteriores constitui um fator que influencia no nível de desenvolvimento dos assentamentos. A seguir apresentamos uma síntese da trajetória individual até a chegada ao assentamento:

Com relação ao envolvimento e contribuição com a luta pela terra, 4 dos 7 integrantes entre 2000 e 2003 confirmaram sua participação no processo de luta pela terra via MST

(também contribuindo na conquista de outras áreas de assentamento como os PA's Primeiro de Maio I, Trincheiras de Carnoió, Pequeno Richard e o acampamento Quebra Quilos). Nestas conquistas, 5 destes integrantes foram acampados em áreas de conflito. Desde então, as participações em formações organizadas pelo Movimento foram marcantes na vida de 5 dos 7 envolvidos que aprenderam sobre militância, organização, política e trabalhos de base em encontros regionais e até nos congressos nacionais do MST (onde 2 participaram). Hoje, 4 membros ainda possuem relações com o Movimento onde afirmaram estar à disposição como militantes e também na contribuição com formação e ocupação legal. Já enquanto assentados, a maioria declarou não receber orientações do MST. De acordo com o INCRA/FAO (1999), após a mobilização em prol da terra e a conquista do assentamento, os assentados que participaram do processo tendem a ter maior facilidade de organização.

Apresentamos as trajetórias individuais de trabalho antes da chegada ao assentamento.

➤ **Assentado do primeiro lote: Raimundo Silva de Souza**

Raimundo Silva de Souza, 64 anos, casado, alfabetizado, natural de Surubim-PE, mora no assentamento desde 23/12/2004.

Antes de morar no assentamento, seu Raimundo foi agricultor (rendeiro) e desenvolvia suas atividades fora do local de moradia. Também já trabalhou fora do Estado (em São Paulo) na construção civil e na indústria.

Sua chegada ao PA ocorreu em função da sua aproximação com o MST com o qual colaborou na participação em acampamentos e ocupações no início de 2004. Neste período participou de muitas formações e encontros regionais do Movimento, se identificando como militante. Como assentado, seu Raimundo afirma não receber orientações do Movimento. Seu acompanhamento técnico tem sido realizado pela ATES desde 2009.

➤ **Assentado do segundo lote: Marcos Eloi Sousa Barbosa**

Marcos Eloi Sousa Barbosa, 43 anos, casado, alfabetizado, natural de Lagoa Seca-PB, mora no assentamento desde 08/11/2007.

Antes de morar no assentamento, seu Marcos foi agricultor (rendeiro), verdureiro e vaqueiro no vizinho município de Massaranduba. Nunca trabalhou fora do Estado nem em atividades não relacionadas ao campo.

Sua chegada ao PA, tal qual seu Raimundo, ocorreu em função da sua aproximação com o MST com o qual colaborou na participação em acampamentos e ocupações no início de 2003 nos municípios de Massaranduba e Campina Grande. Neste período participou de muitas formações e encontros regionais do Movimento se identificando como militante. Como assentado, seu Marcos afirma não receber orientações do Movimento. Seu acompanhamento técnico tem sido realizado pela ATES desde 2009.

➤ **Assentado do terceiro lote: José Anselmo Bezerra**

José Anselmo Bezerra, 44 anos, casado, alfabetizado, natural de Boqueirão-PB, mora no assentamento desde 11/11/2012.

Antes de morar no assentamento, seu Anselmo foi motorista de caminhão e agricultor no vizinho município Boqueirão. Nunca trabalhou fora do Estado, porém trabalhou e ainda trabalha com seu caminhão caçamba vendendo areia e massame.

Sua chegada ao PA ocorreu em função da sua aproximação com os atuais vizinhos, que lhe informou sobre um lote vazio existente no PA. Participou das reuniões da associação do assentamento onde concordaram em encaminhar sua solicitação de cadastro para o INCRA e legalizar sua ocupação ocorrida no início de 2013. Não teve envolvimento direto como militante do MST. Seu acompanhamento técnico tem sido realizado pela ATES desde 2009.

➤ **Assentada do quarto lote: Jaqueline Galdino**

Jaqueline Galdino, 36 anos, casada, alfabetizada, natural de Campina Grande-PB, mora no assentamento desde 23/12/2004. Antes de morar no assentamento, Dona Jaqueline foi agricultora em terras emprestadas próximas ao assentamento. Nunca trabalhou fora do Estado nem em atividades não relacionadas com o campo.

Sua chegada ao PA ocorreu em função da sua aproximação com o MST com o qual colaborou na participação em acampamentos e ocupações no início de 2003. Neste período participou de muitas formações, encontros regionais e até congressos nacionais do MST realizados em Brasília onde se identifica como militante. Ainda hoje participa do movimento junto com seu companheiro, contribuindo em aspectos relacionados com a organização de mulheres e também na formação das brigadas. Seu acompanhamento técnico tem sido realizado pela ATES desde 2009.

➤ Assentado do quinto lote: Laerte de Araujo Constantino

Laerte de Araujo Constantino, conhecido como Lalá, 36 anos, casado, alfabetizado, natural de Campina Grande-PB, mora no assentamento desde 16/07/2002. Antes de morar no assentamento, Lalá morava e trabalhava no imóvel do seu pai que é vizinho ao assentamento e nunca trabalhou fora do campo. Sua chegada ao PA ocorreu em função da sua aproximação com o assentamento de seu vizinho. Como o imóvel de seu pai se tornara pequeno para todos os filhos, ele procurou participar das reuniões da associação do assentamento ocorrida em seu início, em 2002. Não teve envolvimento direto como militante do MST.

4.1 Caracterização das unidades familiares

Atividades produtivas familiares em cada lote. Para efeito de exposição, apresentamos inicialmente a situação de cada unidade de produção familiar no ano de 2014 e, em seguida, as realizações coletivas relativas aos anos de 2013 e 2014.

Primeiro lote: Raimundo Silva de Souza

A Unidade de Produção Familiar - UPF correspondente ao lote 17 (18 ha) está ocupada oficialmente pelo assentado Raimundo Silva de Souza. Ele mora com sua esposa Maria Francisca Silva de Souza e não existem filhos morando com o casal. O casal mora e trabalha na parcela desenvolvendo atividades diversas, entre elas:

- a) Agricultura de milho e feijão em 2,34 ha (individual);
- b) Agricultura de palma forrageira em 1,23 ha;
- c) Suinocultura 25 animais;
- d) Bovinocultura 6 animais;
- e) Ovinocultura 1 animal;
- f) Avicultura 150 animais;
- g) Estabelecimento de comercialização de bebidas cujo nome é “Bar do cabaço” (quem administra é dona Maria); e
- h) Cultivo de algumas plantas medicinais e frutíferas no arredor de casa.

Dentro do lote há 8,89 ha disponibilizados para o trabalho coletivo. Neste foi cultivado milho jabatão em 2014. A área de pasto destinada aos animais durante o período de cultivos é 2,28 ha, aumentando para 13,32 ha no período da estiagem. Os suínos são criados em pocilga

e alimentados com lavagem oriunda de casas do bairro Pedregal em Campina Grande sendo transportada por carroça de tração animal pelo agricultor. O assentado também compra (sua cota é 25 sc/mês) milho subsidiado pela Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, contribuindo para o sustento da criação como um todo. Já para o sustento dos bovinos e ovinos também é utilizada a palma forrageira e os silos produzidos coletivamente sem os quais seria impossível o exercício da pecuária.

A água utilizada pela família provém da cisterna (para consumo humano) e sazonalmente de um barreiro no lote e de um tanque localizado na área coletiva, e quando estes secam, o agricultor compra água de carro pipa a R\$ 200,00 cada. As rendas desta unidade familiar provêm de aposentadoria (os dois são aposentados), do bar, da venda das criações e ocasionalmente da venda de grãos (feijão) e de parte da silagem (este último provém do trabalho coletivo) pois o milho produzido é consumido pelos animais.

Figura 6 - Organização Espacial do Lote 17 em 2014



Fonte: Google Earth (Adaptado pelo Autor, 2015)

Segundo lote: Marcos Eloi Sousa Barbosa

O lote 06 (18 ha) está ocupado oficialmente pelo assentado Marcos Eloi Sousa Barbosa. Este mora com sua esposa Cilene Alice de Oliveira Souza e mais cinco filhos (sendo um adulto, dois adolescentes e duas crianças), onde todos ajudam no trabalho doméstico. A família mora e trabalham na parcela desenvolvendo atividades diversas, entre elas:

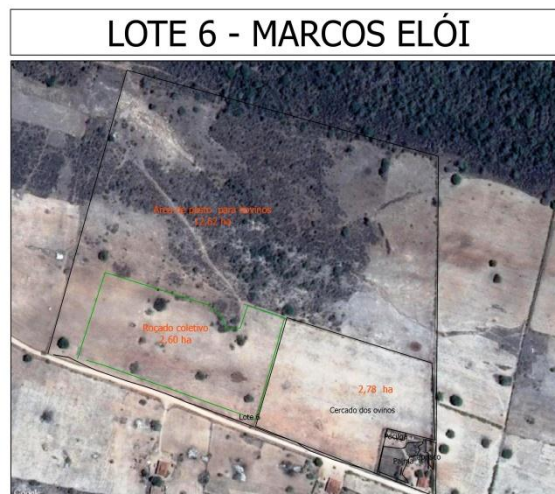
- a) Agricultura de palma forrageira em 0,15 ha;
- b) Suinocultura 33 animais;
- c) Bovinocultura 5 animais;
- d) Ovinocultura 27 e caprinocultura 6 animais;

- e) Avicultura 100 animais; e
- f) Cultivo de algumas plantas medicinais e frutíferas no arredor de casa.

Dentro do lote há 2,60 ha disponibilizados para o trabalho coletivo. Neste foi cultivado milho jabatão em 2014. A área de pasto (totalmente cercada) destinada aos caprinovinos é de 2,78 ha. O restante da área (12,62 ha) é utilizada para criação dos bovinos. Os suínos são criados confinados em pocilga e alimentados com lavagem oriunda do restaurante popular em Campina Grande, sendo transportada pela caçamba do vizinho que também busca para ele. O assentado também compra (sua cota é 25 sc/mês) milho subsidiado pela CONAB, contribuindo para o sustento da criação como um todo. Já para o sustento dos bovinos e ovinos também é utilizada a palma forrageira e os silos produzidos coletivamente sem os quais seria impossível o exercício da pecuária na parcela.

A água utilizada pela família provém da cisterna (para consumo humano) e de um tanque localizado na área coletiva, e quando estes secam, este vai buscar em tonéis numa caçamba no açude de Bodocongó (localizado a 15 km do assentamento). Em cada viagem ele e seu vizinho trazem cerca de 6 m³ de água. As rendas deste grupo doméstico provêm da venda das criações e da Bolsa Família.

Figura 7 - Organização Espacial do Lote 06 em 2014



Fonte: Google Earth (Adaptado pelo Autor, 2015)

Terceiro lote: José Anselmo Bezerra

O lote 18 (18 ha) está ocupado oficialmente pelo assentado...Este mora com sua esposa Mary Terezinha Nunes do Nascimento, 48 anos, natural de Campina Grande-PB e mais quatro filhos. Apenas o casal desenvolve atividades agropecuárias na parcela.

A família mora e trabalham na parcela desenvolvendo atividades diversas, entre elas:

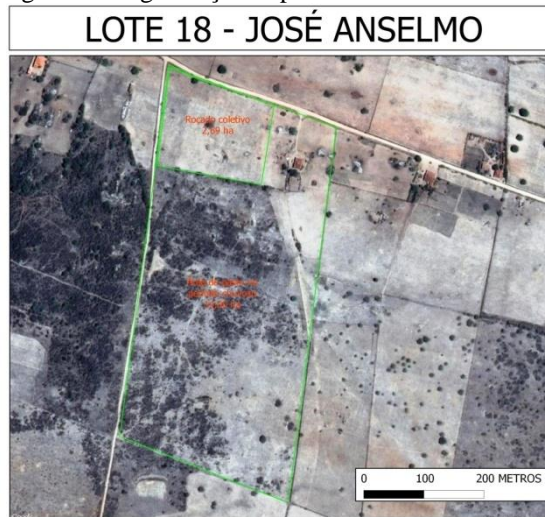
- a) Suinocultura 14 animais;

- b) Bovinocultura 4 animais;
- c) Avicultura 35 animais; e
- d) Cultivo de algumas plantas medicinais no arredor de casa;

Dentro do lote há 2,69 ha disponibilizados para o trabalho coletivo. Neste foi cultivado milho jabatão em 2014. A área de pasto destinada aos animais durante o período de cultivos é 14 ha, aumentando para 17,50 ha no período da estiagem. Os suínos são criados confinados em pocilga e alimentados com lavagem oriunda do restaurante popular em Campina Grande sendo transportada pela sua caçamba e também busca para o seu vizinho Marcos. O assentado também compra (sua cota é 10sc/mês) milho subsidiado pela CONAB, contribuindo para o sustento da criação como um todo. Já para o sustento dos bovinos também é utilizada a palma forrageira e os silos produzidos coletivamente sem os quais seria impossível o exercício da pecuária na parcela.

A água utilizada pela família provém da cisterna (para consumo humano) e de um tanque localizado na área coletiva, e quando estes secam, este vai buscar em tonéis utilizando sua caçamba no açude de Bodocongó (localizado a 15 km do assentamento). Em cada viagem ele e seu vizinho trazem cerca de 6 m³ de água. As rendas deste grupo doméstico provêm da venda das criações e da Bolsa Família (R\$ 112,00/mês) e principalmente da renda obtida pelo serviço do caminhão.

Figura 8 - Organização Espacial do Lote 18 em 2014



Fonte: Google Earth (Adaptado pelo Autor, 2015)

Quarto lote: Jaqueline Galdino

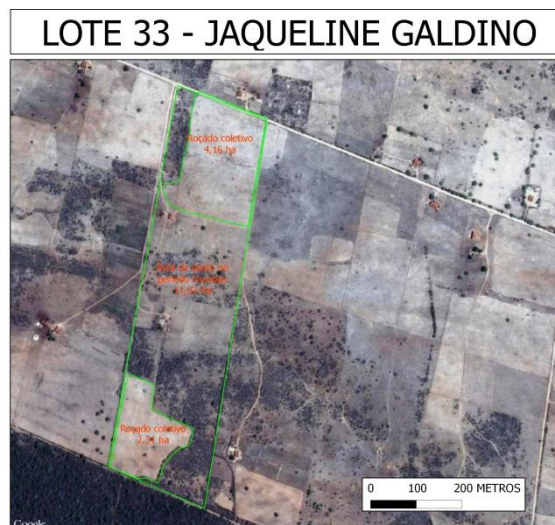
O lote 06 (18 ha) está ocupado oficialmente pela assentada Jaqueline Galdino . Esta mora com seu companheiro Absalão Francisco Montenegro, 70 anos, alfabetizado, natural de Boqueirão-PB e mais três filhos. Onde todos ajudam no trabalho doméstico. A família mora e trabalham na parcela desenvolvendo atividades diversas, entre elas:

- a) Suinocultura 3 animais;
- b) Bovinocultura 9 animais;
- c) Avicultura 40 animais;

Dentro do lote há 6,47 ha disponibilizados para o trabalho coletivo. Neste foi cultivado milho jabatão em 2014. O restante da área (11,53 ha) é utilizada para criação dos bovinos. Os suínos são criados confinados em pocilga e alimentados com lavagem oriunda de casas de outra comunidade que é transportada pela assentada por moto. Já para o sustento dos bovinos também é utilizada os silos produzidos coletivamente sem os quais seria impossível o exercício da pecuária na parcela. Este ano foram produzidos dois silos com a palha da colheita de milho neste lote. Não há roçado individual neste lote.

A água utilizada pela família provém da cisterna (para consumo humano) e de um tanque localizado na área coletiva, e quando estes secam, ela compra água de carro pipa por R\$ 200,00, cada. Seu Absalão possui também um sítio de 3 ha numa outra comunidade (denominada Salgadinho) localizada a 15 km da sua moradia onde cultiva capim de forma irrigada com águas residuárias do riacho de Bodocongó. Nos períodos de estiagem mais prolongada seus animais são conduzidos para esta área. As rendas deste grupo doméstico provêm da venda das criações, da Bolsa Família e da aposentadoria do seu companheiro.

Figura 9 - Organização Espacial do Lote 33 em 2014



Fonte: Google Earth (Adaptado pelo Autor, 2015)

Quinto lote: Laerte de Araujo Constantino

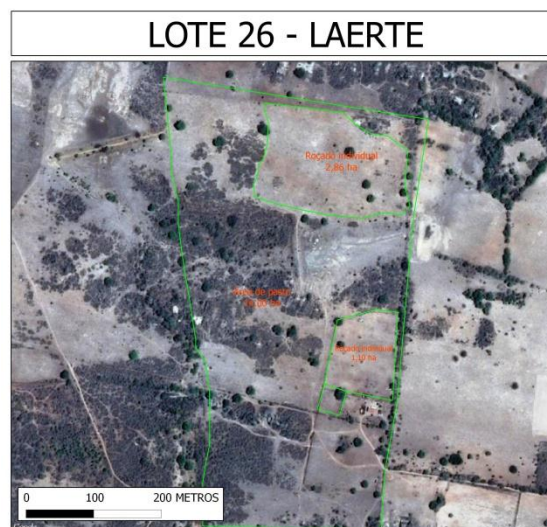
O lote 26 (18 ha) está ocupado oficialmente pelo assentado Laerte de Araujo Constantino. Este mora com sua esposa Janeide Alves Araujo e mais três filhos. As crianças também ajudam o casal no desenvolvimento das atividades agropecuárias na parcela. A família mora e trabalha na parcela desenvolvendo atividades diversas, entre elas:

- a) Suinocultura 27 animais;
- b) Bovinocultura 6 animais;
- c) Avicultura 10 animais;
- d) Cultivo de 4 ha de milho e feijão;

Dentro do lote não há área disponibilizada para o trabalho coletivo. Sua participação ocorreu apenas em 2014 contribuindo apenas com a mão de obra. Em 2014 sua área individual para milho e feijão correspondia a cerca de 4 ha. A área de pasto destinada aos animais durante o período de cultivos é 14 ha, aumentando para 17,50 ha no período da estiagem. Os suínos são criados confinados em pocilga (que ocupa 1.200m²) e alimentados com lavagem oriunda das comunidades vizinhas que ele traz em carroça de tração animal. O assentado também compra (sua cota é 10 sc/mês) milho subsidiado pela CONAB, contribuindo para o sustento da criação como um todo. Este assentado negocia animais o tempo todo, seu maior interesse em participar do coletivo ocorre pela necessidade da silagem para a alimentação de suas criações.

A água utilizada pela família provém da cisterna (para consumo humano) e de um poço localizado fora do assentamento, de onde a água é trazida por meio de carroça de tração animal. As rendas deste grupo doméstico provêm da Bolsa Família (R\$ 187,00/mês) e principalmente da renda obtida pelo comércio dos animais.

Figura 10 - Organização Espacial do Lote 26 em 2014



Fonte: Google Earth (Adaptado pelo Autor, 2015)

Entre as atividades produtivas individuais desenvolvidas pelos agricultores, a criação de animais se configura como a mais importante em todas as unidades de produção familiar, com destaque para a suinocultura, bovinocultura e avicultura. Estas atividades ocupam exatamente 57,5 ha (63,88% da área dos lotes pesquisados). Para eles, a importância dessas atividades para o sustento familiar gira em torno de 75%.

Seus produtos vendidos oriundos da produção individual são, na grande maioria, animais (exceto um, que afirmou vender também feijão). Apenas 3 dos 7 trabalham em atividades fora da agropecuária (bar, caçamba e comércio de outros artigos). Nos arredores das casas há plantas medicinais e principalmente palma forrageira que atende a parte das necessidades para alimentação dos animais, sendo a outra parte oriunda da produção de silagem coletiva.

4.2. Resultados do trabalho coletivo

Os resultados do trabalho coletivo referem-se aos anos de 2013 e 2014⁴. No primeiro ano de desenvolvimento das atividades coletivas, foram realizados cultivos em 27,45 ha distribuídos em 8 campos, sendo que o maior deles ocupou uma área de 7,51 ha e o menor 1,84 ha. Nestes foram cultivados milho jabatão, milho híbrido e feijão nas variedades: preto, carioca, macassa e azul. A quantidade de sementes utilizadas no plantio, bem como sua colheita e produtividade/campo foram registradas conforme quadro 2. A produção total de grãos alcançou 6 toneladas de feijão e a de milho 11,1 toneladas. Quanto a produtividade nota-se que a sua maior taxa foi obtida com milho jabatão no campo do lote 6, que atingiu uma produção de 1.550 kg/ha. E a menor produziu apenas palha no campo do lote 33 utilizando sementes de milho híbridas que foram obtidas pela prefeitura local. Esta semente de milho jabatão é uma espécie crioula, também conhecida como semente da paixão, pois procede das próprias famílias e apresenta boa resistência às qualidades de solo locais e aos baixos índices pluviométricos.

Quadro 2 - Resultados obtidos com o trabalho coletivo no ano de 2013.

Beneficiário	Lote	Área cultivada (ha)	Espécie	Quant plantada(kg)	Quant produzida(kg)	Produção por kg/ha
Absalao Francisco Montenegro	38	1,84	feijão preto	60	420	228,2608696

⁴ Foi feito um quadro para cada ano porque as áreas cultivadas não são as mesmas. Os agricultores duplicaram a área cultivada, com a inclusão de novos locais, porém, durante a colheita não registraram a produção individual de cada campo

Marcos Eloi de Souza Barbosa	6	4,18	Milho jabatão	90	6480	1550,239234
Jaqueline Galdino	33	2,31	milho	50	palha	palha
Maria das Gracas Januario da Silva	13	7,51	faveta, azul, carioca, preto, macassa	75, 7, 90, 75, 2	900, 120, 1140, 1080, 60	439,41
Raimundo Silva de Souza	17	5,71	carioca, preto, milho	120, 80, SI	1260,840, S/I	368,42
Raimundo Silva de Souza	17	3,19	milho	sem informação	4080	1278,996865
José Anselmo bezerra	18	2,71	milho	55	540	199,2619926
Totais	8 lotes	27,45	-	-	100 Sacos de feijão ou 6 ton	185 Sacos de milho ou 11,1 ton

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

Com a palha do milho os agricultores puderam processar cerca de 477 toneladas de silos. Outros aspectos marcantes nesse ano foi a compra de uma máquina ensiladeira, que foi financiada pelos próprios membros do grupo. Esta facilitou a silagem e reduziu os custos de produção, pois antes eram pagos 80 reais/h para fazer os silos. Em 2013 a produção de silo foi de 477 toneladas.

A união do grupo fez com que os mesmos recuperassem uma das casas sede do assentamento (figura 11), tornando útil para múltiplas funções no assentamento, inclusive como sede do recém-criado banco de sementes comunitário. Esse banco conta com 11 variedades de sementes que são emprestadas para outros agricultores do grupo e fora do grupo com devolução dobrada em caso de lucro. Toda a infraestrutura do banco foi obtida pelo próprio grupo que adquiriu silos e depósitos para o armazenamento das sementes além de uma máquina selecionadora de grãos que foi doada pela ATES.

Figura 11 - Casa sede do Coletivo Unidos no Campo recuperada



Fonte: Foto Produção do Próprio Autor, 2015.

No segundo ano (2014), foram realizados cultivos em 45,32 ha, distribuídos em 9 campos, em que o maior deles ocupa uma área de 9,80 ha e o menor 2,31 ha (quadro 3). Nestes foram cultivadas as mesmas variedades de 2013, porém não efetuaram registro da quantidade de sementes utilizadas no plantio, bem como sua colheita e produtividade não pôde ser calculada por campo em virtude de não terem sido registradas individualmente.

Quadro 3 - Áreas de Cultivo - 2014⁵

Parte	Área(ha)	Cultura	Lote
1	2,31	Milho Jabatão	33
2	2,71	Milho Jabatão, feijão	18
3	7,50	Milho Jabatão - feijão	13
4	2,55	Milho Jabatão - feijão	6
5	8,90	Milho Jabatão	17
6	3,11	Milho Jabatão - feijão	Coletivo
7	4,16	Milho Jabatão	33
8	4,28	Milho	14
9	9,80	Milho Jabatão - feijão	22-23

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

A produção total de grãos alcançou 720 kg de feijão e a de milho 3,6 toneladas (quadro 4). Com relação a produção de silos em 2014 foram produzidas cerca de 313 toneladas. As áreas de cultivo foram ampliadas de 27,45 ha (2013) para 45,32 ha (2014), porém, em razão da forte estiagem, toda a produção reduziu da seguinte maneira: na silagem em 164 ton, no feijão em 5,28 ton e no milho em 7,5 ton.

Quadro 4 - Silos e Colheita 2014

Silos	Volume (m ³)	Agricultor
A	40	Raimundo
B	72	Jaqueline
C	35	Jaqueline
D	66	Mary
E	48	Anselmo
F	52	Marcos
-	313	-
Colheita – Grãos (Sacas)		
Milho	Carioca	Faveta
60	12	4

Fonte: Elaboração Própria, 2015.

A silagem, apesar de não ser uma prática muito difundida nas localidades próximas da pesquisa, constitui o produto de maior interesse para esses agricultores, pois fornece alimento para os animais em momentos de escassez. A prática já é conhecida dos mesmos há muito

⁵ Este quadro é diferente do quadro relativo a 2013 porque os agricultores adotaram uma sistemática diferente: juntaram toda a produção ao fazerem a colheita, sem efetuar os registros de cada uma das áreas.

tempo, mas, que apresentava dificuldades quanto a sua realização antes da formação deste grupo, pois, se trata de uma atividade que demanda muita matéria prima (que nesse caso é o restolho do milho), uso de máquina e muita mão de obra. A união deles sanou estas dificuldades (figuras 12 e 13).

Pode também destacar que o processamento de ração em silos aumentou bastante após a consolidação do grupo que agora produz muito mais palha, dispõe de mão de obra suficiente, além da aquisição de uma ensiladeira com recursos próprios, não sendo mais necessário o aluguel dessa máquina. Com essa prática, eles alimentam seus rebanhos (bovinos e ovinos) e os mantém em boas condições nutricionais.

Estas ações influenciaram diretamente nas famílias e mostra que a quantidade de roçado estabelecida de forma coletiva (45 ha em 2014) é bem maior que no modelo individual, já que as cinco unidades de produção familiares jamais cultivariam, de forma individual, uma média de 9 ha de área. Este aumento no plantio tem como principal consequência a ampliação no armazenamento de silagens. Esta prática demanda muita mão de obra e matéria prima (palha), tornando o processo coletivo um modelo eficaz para o grupo. O armazenamento de forragens tem viabilizado a criação de animais diversos, o que constitui a principal fonte de renda destas famílias.

Figura 12 - 1º Silo produzido em 2014



Fonte: Foto Produção do Próprio Autor, 2015.

Figura 13 - Ensiladeira processando a produção



Fonte: Foto Produção do Próprio Autor, 2015.

Uma das consequências da união do grupo em prol de objetivos comuns, foi o registro da organização em cartório, recebendo os outros assentados como membros da entidade, mas não como grupo de trabalho. Isso mostrou que suas ações impactaram na organização do assentamento, pois o CUC se formalizou como associação de caráter privado e sem fins lucrativos e passou a representar, junto ao INCRA e demais instâncias, as 48 famílias do setor

norte do assentamento. Isto reduziu o problema da baixa participação nas assembleias e melhorou também as relações internas no assentamento, já que um dos anseios dos assentados é desmembrar esta parte do assentamento José Antonio Eufrouzino, que passará a se denominar assentamento Unidos no Campo, cuja solicitação já foi protocolada junto ao INCRA. O CUC passou então a realizar assembleias de duas formas: as gerais que ocorrem mensalmente com a participação das 48 famílias e as do grupo de trabalho que ocorrem quinzenalmente.

Esta demanda é motivada pela dificuldade na gestão de um assentamento tão grande, com 101 famílias e que está dividido em duas partes pela reserva legal, fazendo com que algumas pessoas tenham que andar até 12 km por caminhos perigosos para participar das reuniões. Embora a associação represente hoje 48 famílias, o grupo de trabalho permanece com seu quadro de sete membros para produção coletiva, tendo alcançado um resultado melhor que o esperado, como afirma seu Marcos Elói. O desenvolvimento do grupo também inspirou o engajamento de jovens em outros tipos de atividades não agrícolas como a produção de bolos e bolachas na estrutura recuperada por eles.

A figura 14 apresenta um mapeamento das áreas de trabalho coletivo cultivadas durante o ano de 2014. Nota-se que a maior parte das áreas de cultivo estão localizadas nos lotes e apenas uma é desenvolvida em área coletiva, ressaltando-se que neste ano também houve cultivo em lotes de assentados não integrantes do grupo

Figura 14 - Área de cultivo do Coletivo Unidos no Campo em 2014



Fonte: Elaboração Própria, 2015.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo expôs resultados que permitem concluir que o trabalho coletivo possibilitou aumento da capacidade produtiva, uma vez que a produção e armazenamento de grãos e sementes tiveram significativo aumento, tendo ampliado a capacidade da criação animal, considerando o fato do aumento da quantidade de forragem e promoção da segurança alimentar animal, favoreceu a convivência com o clima semiárido e as práticas agroecológicas, uma vez que suas ações se voltam para estratégias de bases sustentáveis.

Contribuiu também na forma de organização institucional, uma vez que valorizou os processos de discussão coletiva, conquistou a confiança e a credibilidade das demais famílias, e se tornou a entidade representativa de metade do assentamento. No decorrer da sua trajetória facilitou a inclusão da juventude local como bem demonstra o surgimento de um grupo de jovens, que, inspirado pelo CUC, se mobilizou com o auxílio da assessoria técnica existente e iniciou uma produção de bolos na casa sede.

Outro potencial aguçado por esse processo foi o de organizar o próprio assentamento e melhorar parte da infraestrutura existente. Estas ações foram marcantes para os fundadores do grupo que tem recebido visitas de estudantes e outros agricultores interessados nesse modelo incomum para o momento atual. Nosso estudo confirma o que aponta o INCRA/FAO (1999), pois percebe-se que havendo organização conjunta direcionada à produção, as diferenciações internas entre os assentados quase inexistem, configurando um dos fatores que interferem no desenvolvimento dos projetos de Reforma Agrária no Brasil. O Coletivo Unidos no Campo vivencia esta afirmação.

Entretanto, a organização existente ainda não desenvolve ações voltadas para beneficiamento e/ou comercialização do que é produzido. Essa pesquisa favoreceu o entendimento dos assentados quanto às reais dimensões das cultivadas. Quando iniciaram seu trabalho em 2013, achavam que cultivavam ao todo mais de 50 ha; entretanto, quando foram realizadas as medições das áreas, constatou-se que era pouco mais da metade, 27 ha. Se por um lado não é anormal que agricultores familiares trabalhem com imprecisão nas dimensões de sua práticas, deve-se ressaltar a contribuição que lhes foi dada por esta pesquisa.

Outro aspecto da pesquisa compartilhado com os assentados diz respeito ao cálculo de produtividade de grãos e de silagem registrado ao longo da observação participativa que foi divulgado com a confecção do mapa da produção, na própria sede do assentamento em reuniões com o grupo.

Então, temos processos de planejamento e organização da produção com bases em princípios coletivos que difere e amplia a capacidade de produção mostrando que o trabalho coletivo é uma estratégia que apresenta potencial para viabilidade econômica, social e ambiental dos espaços de reforma agrária. Mas, é importante observar que este processo deve ser estimulado, não se recomenda como imposição, mas como um processo de sensibilização coletiva.

Esse talvez seja o maior desafio: estimular e incentivar, sem impor a organização coletiva. Sendo assim, este grupo apresenta resultados práticos e concretos que o processo de organização e realização do trabalho coletivo é um fator que potencializa significativamente a produção das famílias assentadas no Programa Nacional de Reforma Agrária. Aponta-se então, a necessidade de trabalhar metodologias de incentivo a construção de processos de organização coletiva sem que seja uma imposição, mas viabilize a convicção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Agroecologia: Alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CONCEITO DE COMUNIDADE. In: **Educação integral**. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/glossario/comunidade>> Acesso em 14 out. 2015.

CONCEITO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE. In: **Observação participante**. Disponível em: <<http://www.ims.uerj.br/pesquisa/ccaps/?p=438>> Acesso em 03 fev. 2016.

COOPERATIVA DE TRABALHO MÚLTIPLO E APOIO ÀS ORGANIZAÇÕES DE AUTOPROMOÇÃO. **Diagnóstico do PA José Antonio Eufrouzino**. Campina Grande: 2014.

DADOS DE PLUVIOMETRIA. In: **AESA**. Disponível em: <<http://site2.aesa.pb.gov.br/aesa/monitoramentoPluviometria.do?metodo=listarAnosChuvasAnuais>> Acesso em 05 dez. 2015.

DAVID, Maria Beatriz de Albuquerque; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. Atlas dos Beneficiários da Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 11, n. 31, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9022>> Acesso em: 29 ago. 2015.

GROFF, Apoliana; MAHEIRIE, Kátia; PRIM, Lorena. **A experiência de coletivização em um assentamento de reforma agrária do MST**. *Rev. psicol. polít.*, Jun 2009, vol.9, no.17, p.113-128. ISSN 1519-549X

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA;
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E
ALIMENTAÇÃO. **Principais fatores que afetam o desenvolvimento dos assentamentos de Reforma Agrária no Brasil.** Abr., 1999.

MACHADO, Jaqueline de Araújo Oliveira. 2015. De Planos de Desenvolvimento de Assentamentos a Projetos de Vida Comunitários: Caso do PA Novo Campo. In.: **Seminário Perspectivas do semiárido brasileiro: Cultura de resistência e educação do campo contextualizado ao semiárido**, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: INSA/UFPB, 2015.

MATTEI, Lauro Francisco. A reforma agrária brasileira: evolução do número de famílias assentadas no período pós-redemocratização do país. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, Abr., 2012. Disponível em:
<<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/356>> Acesso em: 10 set. 2015.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL

QUADRO CÓDIGO	
CÓDIGO	QUESTÃO
1	Idade
2	Estado civil
3	Local de nascimento
4	Tamanho do grupo doméstico
5	Nº de adultos na atividade agrícola
6	Nº de adolescentes na atividade agrícola
7	Nº do lote
8	Área do lote (ha)
9	Há quanto tempo mora no PA?
10	Em que trabalhava antes de vir para o PA?
11	Que outras atividades de trabalho fez anteriormente?
12	Trabalhou em atividades não agrícolas?
13	Quais ?
14	Já trabalhou fora dos estado?
15	Onde?
16	Em que?
17	Participou da luta pela terra?
18	Em que ano iniciou sua participação?
19	Era filiado ao MST?
20	Participou de algum acampamento?
21	Participou de formações pelo MST?
22	Que tipo de formação recebeu?
23	Participou de encontros ou congressos pelo MST?
24	Atualmente há ligação com o MST?
25	Que tipo de contribuição dá para o MST?
26	Quais orientações que recebem como assentado pelo MST?
27	Desenvolve alguma atividade fora da atividade agropecuária?
28	Quais atividades realiza fora do grupo?
29	Qual a área reservada para sua produção individual?
30	Qual a importância da produção individual para o seu sustento?
31	Vende algo da produção individual?
32	Quais as criações individuais?
33	Que cultivos individuais tem no arredor de casa?
34	Cultiva alguma planta medicinal?
ID	NOME DO INTEGRANTE
AFM	ABSALÃO FRANCISCO MONTENEGRO
MEB	MARCOS ELOI DE SOUZA BARBOSA
JGA	JAQUELINE GALDINO
RSS	RAIMUNDO SILVA DE SOUZA
LAC	LAERTE ARAUJO CONSTANTINO
JAB	JOSÉ ANSELMO BEZERRA
MTN	MARY TEREZINHA NUNES DO NASCIMENTO

ANEXO II

QUESTIONÁRIO COLETIVO PARA O COLETIVO UNIDOS NO CAMPO

I – ATIVIDADE PRODUTIVA

1. Quantos participam do grupo? **07** 5 homens, 2 mulheres
2. Qual a área total de trabalho (2014)? **45,32 ha** Quantas partes? **9**

Parte	Área(ha)	Cultura	Lote	Quem trabalha
1	2,31	Milho Jabatão	33	Todos
2	2,71	Milho Jabatão, feijão	18	Todos
3	7,50	Milho Jabatão, feijão	13	Todos
4	2,55	Milho Jabatão, feijão	6	Todos
5	8,90	Milho Jabatão	17	Todos
6	3,11	Milho Jabatão, feijão	Coletivo	Todos
7	4,16	Milho Jabatão	33	Todos
8	4,28	Milho	14	Todos
9	9,80	Milho Jabatão, feijão	22-23	Todos

Obs: Em caso de policultivo fazer tabela separada

3. Os cultivos se repetem a cada ano? **Em alguns casos.**

II – FORMAÇÃO DO GRUPO

1. Quando começou? **26/03/13**
2. Por que decidiram produzir coletivamente? **Com a assessoria técnica mais presente desde 2009 os assentados afirmam que receberam instrução sobre a realização de produção e gestão coletiva, entre elas uma capacitação sobre banco de sementes. Esta instrução aliada ao interesse de poucos em iniciar uma ação que possibilitasse o aumento da produtividade e instigasse a unidade do grupo levou a formação do grupo.**
3. Como se organizaram para organizar a produção coletiva? **No período do inverno trabalhavam todos os dias.**
4. Existem outros grupos de trabalho coletivo? **Hoje não.** Quantos são?
5. Por que as pessoas preferem trabalhar individualmente? **Pensam que não precisam dos outros, não gostam de dividir, não acreditam nos resultados de um trabalho em conjunto.**

IV – ORGANIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

1. Como se decide sobre o que se vai produzir? **Sentam em reunião, realizam o que a maioria definir.**
2. O que é necessário para iniciar as atividades produtivas? **Sementes, ferramentas, disposição, união e coragem.**
3. Como financiam as atividades coletivas? **Financiamento próprio.**

4. Quadro de comercialização (2014)

Produto	Quantidade vendida (silo)	Receita do produto
Silo (Anselmo)	1	3.000,00
Silo (Raimundo)	1	2.000,00
Silo (Laerte)	1	2.000,00
Total Parcial	3	7.000,00

5. Quem se ocupa da comercialização? **Cada um vende de forma individual sua parte.**

6. Como é a divisão do lucro? **Partes iguais.**

7. Onde comercializam? **No próprio local.**

8. Como transportam os produtos? **Carroça de burro e caçamba.**

9. Existe beneficiamento de algum produto? **Não.**

10. Além de dinheiro, o que mais o grupo divide no final do processo produtivo? **Divide apenas a produção.**

11. Há registros escritos? Que tipo de registros? Quem Escreve? **Tinha. Folha de ponto e roçados. Marcos escrevia. Agora não estão fazendo.**

12. Com que frequência o grupo se reúne para planejar ou decidir? **Antes quinzenal, hoje mensal.**

13. Há alguma taxa a ser paga pelos integrantes do grupo? Quanto? Qual a finalidade? **Não.**

14. Quando trabalham em conjunto?

Primeira atividade mais importante			
MÊS	Ações	Participantes	Tempo de ocupação
JAN			
FEV			
MAR	Preparo do solo	todos	Dia todo
ABR	Plantio	todos	Dia todo
MAI	Limpa	todos	Dia todo
JUN	Colheita	todos	Dia todo
JUL	Silagem	todos	Até a noite
AGO			
SET			
OUT			
NOV			
DEZ			

15. Quais são os insumos disponíveis? Quais os implementos ou materiais disponíveis? **01 ensiladeira, 01 selecionadora de grãos, 16 tonéis de 220 L, 02 bombas de foliar, 01 plantadeira, 05 trinchas, 04 enxadas e todas as sementes. Todos obtidos após a unidade do grupo.**

ANEXO III

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Marcos Elói, coordenador do CUC, em 2014. Concluindo sua busca diária por água.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Bar do Cabaço, pertencente a seu Raimundo, integrante do CUC em 2015.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

CUC comemorando o segundo aniversário com os parceiros COONAP e MST, em 2014



Foto: Fernando Garcia

Marcos Elói, coordenador do CUC, em 2015. Reunião com membros da diretoria.



Foto: Fernando Garcia

Tanque de pedra coletivo, em 2015. Um dos principais mananciais de assentamento.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Sementes da paixão identificadas no banco de sementes comunitário, em 2015.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Criação de caprinos pertencente a seu Marcos Elói, em 2013.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Atendimento no Bar do Cabaço, pertencente a seu Raimundo e dona Maria, em 2015.



Foto: Janio de Araujo Oliveira

Visita de alunos do curso de agroecologia da UEPB, em 2015



Foto: Fernando Garcia

Foto de Margarida Maria Alves homenageada com seu nome na sala de reuniões do assentamento em 2015.